

A HESITAÇÃO VACINAL NA ERA DA INFODEMIA: O IMPACTO DA DESINFORMAÇÃO DIANTE DAS CAMPANHAS ANTIVACINA NAS REDES SOCIAIS

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.376122613022>

Millena Gleize Peixoto Soares

Enfermeira pela Faculdade de Ciências de Timbaúba- FACET

Morgana Paz de Freitas da Silva

Enfermeira. Pós graduada em obstetrícia e saúde publica.

Thaís Monara Bezerra Ramos.

Enfermeira. Mestre em Gerontologia.

Docente do curso de Enfermagem da Faculdade de Ciências de Timbaúba - FACET

Rosângela Rosendo da Silva

Biomédica. Doutora em Nutrição. Docente dos cursos de saúde da Faculdade de Ciências de Timbaúba FACET

Jaqueline Vieira de Lira

Farmacêutica. Mestranda em Saúde Pública. Docente dos cursos de saúde da Faculdade de Ciências de Timbaúba - FACET

Jéfitha Kaliny dos Santos Silva

Mestra em Saúde Coletiva pela UFRN

Simone Cristina de Oliveira Vilar Costa

Especialista Enfermagem na atenção primária com ênfase na estratégia saúde da família

Stenio Ribeiro Barbosa da Silva

Médico de Saúde da Família e Dermatologista

Genecilda Andrade da Silva

Discente de enfermagem da Faculdade de Ciências de Timbaúba.

Valdizía Mendes e Silva

Mestre em saúde pública. Secretaria Municipal de Saúde.

Anna Regina Gomes da Silva

Enfermeira. Especialista em Centro Cirúrgico, CME e Instrumentação Cirúrgica e Atenção Primária a Saúde.

Docente do curso de Enfermagem da Faculdade de Ciências de Timbaúba – FACET

RESUMO: Introdução: O fenômeno da hesitação vacinal, que vem sendo marcado com a crescente quantidade de informações falsas e a propagação de discursos antivacina, especialmente nas redes sociais. A hesitação vacinal acontece quando as pessoas optam por não se vacinar ou ficam em dúvida, mesmo quando existem vacinas disponíveis. Isso representa um grande desafio para a saúde pública atualmente. O problema é agravado pelo excesso de informações, muitas vezes incorretas ou enganosas, que circulam rapidamente na internet, dificultando que as pessoas encontrem fontes confiáveis. Isso gera confusão, medo e insegurança. Além disso, a cultura da pós-verdade, onde emoções e crenças têm mais peso do que fatos científicos, torna mais difícil convencer a população a mudarem de opinião, mesmo havendo evidências claras. **Objetivo:** Analisar a influência da infodemia e das campanhas anti vacinas no ambiente digital sobre a hesitação vacinal na sociedade atual. **Materiais e Métodos:** Foi realizada uma pesquisa bibliográfica revisando textos e estudos de autores e instituições tanto nacionais quanto internacionais. **Resultados e Discussões:** Os resultados mostram que os métodos usados para espalhar desinformação na internet têm um papel importante na criação de narrativas que menosprezam a ciência e geram desconfiança sobre a eficácia e segurança das vacinas. **Considerações finais:** Para combater a hesitação vacinal, é preciso usar estratégias de comunicação mais eficientes, investir na educação sobre o uso da mídia social e promover conteúdos científicos acessíveis e confiáveis, especialmente nos ambientes digitais mais propensos à disseminação de informações falsas.

PALAVRAS-CHAVE: hesitação vacinal; desinformação; saúde pública.

INTRODUÇÃO

A vacinação é uma das estratégias mais eficazes da saúde pública. O Ministério da Saúde (MS) destacou que os imunizantes são seguros e ajudam a fortalecer o sistema imunológico. Quando amplamente adotadas, as vacinas representam um dos melhores investimentos em saúde (Brasil, 2023). No entanto, segundo o MS, a taxa média de imunização no Brasil diminuiu de 97% em 2015 para 75% em 2020. Das nove vacinas avaliadas pelo Departamento de Informação e Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS) a BCG é a que apresentou a maior redução, com uma redução de 38,8% no período de 2015 a 2021 (COFEN, 2022).

Além disso, a vacina contra a Hepatite A, que teve uma queda de 32,1%, ocupa a segunda posição, seguida pela poliomielite, com uma redução de 30,7%.

Os índices de cobertura retornaram ao nível de 1987, sendo assim identificamos um retrocesso na adesão às vacinas. Com isso as enfermidades já eliminadas, como por exemplo a poliomielite, podem ressurgir e causar vítimas.

Este cenário é preocupante já que o Programa Nacional de Imunizações (PNI), estabelecido em 1973, destaca-se como uma política pública eficaz, que desde sua implantação vem melhorando cada vez mais o perfil de morbimortalidade da população brasileira, adaptando-se às transformações nos âmbitos político, epidemiológico e social. Através deste programa, o panorama epidemiológico das doenças imunopreveníveis sofreu uma mudança drástica no país, estabelecendo a vacinação como uma das principais e mais significativas ações em saúde pública (Domingues, *et al.*, 2020).

Em 2022, o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) definiu essa hesitação como a recusa ou relutância em se vacinar, mesmo quando as vacinas estão disponíveis. Esse fenômeno é complexo e é influenciado por diversos fatores, como questões históricas, políticas, sociais e comportamentais.

Convém mencionar que com o avanço das tecnologias digitais, especialmente da internet, os meios de comunicação passaram por grandes transformações. A internet não apenas revolucionou os meios de comunicação, mas também modificou a forma de pensar e interagir na sociedade contemporânea. Nesse novo cenário, as mídias sociais se tornaram ambientes potentes para a difusão de ideias, inclusive de desinformação (Gessi, Gregory e Grossman, 2022).

É importante mencionar que as plataformas digitais se mostram um ambiente propício para a disseminação de conteúdos enganosos, como teorias da conspiração e discursos antivacina. De acordo com Mendes 2022, aponta que os algoritmos dessas redes sociais, ao promoverem os chamados “filtros bolha”, dificultam o contato com opiniões diferentes e reforçam crenças já estabelecidas. A autora também ressalta que vivemos em uma era marcada pela lógica da pós-verdade, onde sentimentos e percepções pessoais acabam tendo mais peso do que os fatos objetivos, fazendo com que as pessoas mantenham suas opiniões mesmo quando confrontadas com evidências contrárias.

Neste contexto, o fenômeno da infodemia ganha destaque trazendo um acúmulo de informações contraditórias à realidade. Esse termo, segundo a Academia Brasileira de Letras (2023), refere-se ao excesso de informações, muitas vezes imprecisas ou falsas, que se espalham rapidamente e sem controle. Isso dificulta o acesso a fontes confiáveis e prejudica a capacidade das pessoas de tomarem decisões de acordo com os estudos científicos feitos para validação destas vacinas.

Nessa perspectiva, o interesse pelo estudo surgiu mediante a necessidade de analisar como a infodemia e as campanhas antivacinas, especialmente nas redes sociais, influenciam a hesitação em relação à vacinação. A pesquisa pretende investigar os impactos da desinformação no ambiente digital na percepção pública sobre vacinas.

MATERIAIS E MÉTODOS

Esta pesquisa utilizou a metodologia bibliográfica, que, de acordo com Lakatos e Marconi (1996, p. 66), consiste em reunir, selecionar e documentar a literatura disponível sobre o assunto em análise, abrangendo livros, revistas, jornais, boletins, monografias, teses, dissertações e recursos cartográficos. O objetivo é oferecer ao pesquisador acesso direto a todo o material já publicado sobre o tema em discussão.

Foi utilizado para a coleta de dados artigos publicados nos últimos 10 anos. Os dados foram obtidos em sites de credibilidade que possuem total embasamento científico. Os sites serão: Biblioteca Virtual de Saúde; Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Literatura em Ciências da Saúde (LILACS). Foram selecionados artigos com base nas seguintes palavras relevantes à temática: hesitação vacinal, desinformação e saúde pública.

Os artigos escolhidos foram aqueles com pertinência para a pesquisa. Empregamos estudos que ilustraram a concepção do conteúdo sobre a hesitação vacinal e campanhas antivacinas em português e outras línguas. Também foram eliminadas as publicações feitas anteriormente a 2015, bem como os artigos que não tratavam do tema.

A análise dos dados foi realizada de acordo com critérios de inclusão e exclusão feita assim a leitura dos artigos, unindo os pensamentos dos autores e analisando cada informação, elaborando assim este trabalho.

Este artigo irá favorecer os profissionais de saúde, especialmente os enfermeiros, na formação de conhecimento sobre o tema hesitação vacinal e campanhas antivacinas. Assim, este estudo trará benefícios significativos para a carreira profissional.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A hesitação e a recusa vacinal vem ocorrendo há bastante tempo, mas ganharam força nos últimos anos, especialmente após a pandemia de COVID-19 e é evidenciada pelo reaparecimento de doenças como sarampo e poliomielite. Deste modo, as causas da hesitação incluem medo e dúvidas sobre a segurança e eficácia das vacinas, crenças religiosas, sociais e filosóficas, experiências negativas no sistema de saúde, além da desinformação disseminada nas redes sociais. Os autores relataram que não existe uma causa única; trata-se de um fenômeno multifatorial, que varia conforme o contexto cultural, social e econômico, deixando claro que a queda da cobertura vacinal coloca em risco a imunidade coletiva, aumenta a vulnerabilidade das populações e pode levar à reemergência de doenças antes controladas. (Braga *et al.*, 2024)

Castelfranchi *et. al.* (2025) em seu estudo observaram que a maioria dos brasileiros entende a relevância das vacinas, já que 90% dos entrevistados reconhecem sua importância e 81% afirmam confiar em sua segurança. Entretanto, há uma grande parcela de desconfiança: metade dos entrevistados acredita que os imunizantes podem provocar efeitos graves e que empresas ocultam possíveis riscos relacionados.

A pesquisa ainda revelou que essa crença é influenciada por fatores regionais, valores políticos e crenças religiosas, sendo particularmente acentuada entre moradores da região Norte e grupos evangélicos, mais céticos em relação à vacinação. Por outro lado, a confiança na ciência apareceu como algo importante para a aceitação das vacinas, principalmente na vacinação infantil. Apesar da grande intenção declarada de vacinação por parte da população, os índices de cobertura vacinal continuavam a cair, reflexo de uma combinação entre a infodemia, a polarização política e a queda da confiança na imunização.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) classificou a recusa vacinal como uma das dez maiores ameaças à saúde global. Esse acontecimento está ligado ao retorno de surtos de doenças antes controladas, como o sarampo. Com o desaparecimento de doenças graves, a população deixa de perceber os riscos, o que cria uma percepção distorcida, na qual se superestima o perigo das vacinas e se subestima o perigo das doenças. Além disso, a ciência e a medicina passaram a ser vistas como submissas à indústria farmacêutica, o que reforça teorias da conspiração. Esse fenômeno é amplificado pela internet, onde as redes sociais criam bolhas de informação e câmaras de eco que fortalecem crenças equivocadas. (Camargo Jr., 2020)

Massarani *et. al.* (2021) afirmam que as redes sociais se tornaram grandes difusoras de notícias falsas (fake news), especialmente no que diz respeito à vacinação. A imunização, nesse contexto, deixa de ser apenas uma prática de saúde pública e passa a ser atravessada por narrativas políticas, ideológicas e emocionais. A pesquisa ainda mostra que há uma variedade de discursos circulando nas redes sociais, desde os pró-vacina, que apoiam a ciência, a proteção coletiva e a responsabilidade social, até os antivacina, que se fundamentam na desconfiança em relação à ciência, em teorias conspiratórias e na defesa da liberdade individual.

Segundo os mesmos autores foram identificadas mensagens que destacam a importância da ciência como fonte confiável de conhecimento, a vacinação como um ato de proteção coletiva que pode gerar imunidade de rebanho e a responsabilidade social de cada pessoa em contribuir para a saúde pública predominam entre os discursos pró-vacina. Esses discursos geralmente utilizam dados científicos, afirmações de autoridades de saúde e princípios relacionados ao bem coletivo. Em contrapartida, também perceberam que as comunidades online são o principal meio de circulação dos discursos antivacina, que empregam táticas para aumentar a desconfiança em

relação à ciência e às instituições. Muitas vezes, estão ligados a teorias da conspiração que acusam governos e a indústria farmacêutica de manipular informações.

Em seu estudo, Oliveira *et al.* (2025) destacam cinco categorias principais nas 'Fake News': A primeira, a desinfodemia, caracterizada pela disseminação de informações falsas e teorias conspiratórias envolvendo os imunizantes. Em seguida, os vetores de desinformação, que incluíam comentários com links externos contendo conteúdo enganoso. A terceira categoria, a polarização política, aparece como a mais recorrente, evidenciando como o tema da vacinação foi transformado em uma questão ideológica. Já a hesitação e recusa vacinal estavam relacionadas à desconfiança nas autoridades de saúde e ao medo de possíveis efeitos adversos.

Por fim, as experiências pessoais foram identificadas como fatores que moldam a percepção individual sobre a vacina.

Conforme Rezende *et al.* (2019), analisou os significados atribuídos às teorias da conspiração no Brasil, a partir das respostas de 383 estudantes universitários e viu que as teorias da conspiração são compreendidas como crenças explicativas para eventos sociais complexos, frequentemente associadas à ideia de que grupos secretos manipulam acontecimentos com o objetivo de alcançar interesses ocultos. Entre os principais significados atribuídos às teorias da conspiração, destacam-se: a percepção de que são hipóteses sem embasamento científico, criadas pelo senso comum e sem comprovação; a crença na existência de grupos secretos que manipulam a política, a economia e o fluxo de informações; e o entendimento de que essas teorias funcionam como uma forma de dar sentido a eventos difíceis de compreender. Também foi possível notar uma postura de questionamento em relação às versões oficiais divulgadas pelo governo ou pela mídia, bem como a percepção de que informações relevantes são intencionalmente ocultadas da população.

Segundo Sobreira *et al.* (2024), a queda na vacinação está ligada tanto a questões de acesso e fatores socioeconômicos quanto ao fenômeno da hesitação vacinal. Essa hesitação é influenciada por desconfiança, complacência e conveniência (modelo dos 3 C's da OMS). Redes sociais são utilizadas para espalhar informações falsas, narrativas conspiratórias e discursos de medo, gerando insegurança na população. As *fake news* circulam principalmente nos aplicativos de mensagens e redes sociais, aumentadas por algoritmos que formam "bolhas" de desinformação. Esses mecanismos aumentam a desconfiança nas instituições, reduzem a adesão às campanhas, prejudicam a saúde coletiva e criam riscos de epidemias. É essencial investir em educação em saúde, transparência na produção de vacinas, comunicação científica acessível e políticas públicas que enfrentem a desinformação.

Nogueira *et al.* (2025) percebeu que o movimento antivacina no Brasil utilizou o Facebook como sua principal plataforma para disseminar narrativas contra a

imunização durante a pandemia de COVID-19. Esse discurso foi estruturado em torno de quatro principais eixos: teorias conspiratórias, desconfiança na ciência, defesa da liberdade individual e argumentos religiosos. As publicações analisadas faziam relação com textos científicos, jurídicos, cinematográficos e religiosos, para atribuir credibilidade a informações sem base científica, como alegações sobre manipulação genética, implantação de “nanochips” e controle populacional. Foi observado também o uso de uma linguagem emocional e agressiva, cheia de sarcasmo, medo e descrédito em relação às instituições de saúde. Além disso, a polarização política se mostrou um fator significativamente influente, com líderes carismáticos e discursos ideológicos contribuindo para o fortalecimento da hesitação vacinal entre a população.

O movimento antivacina trouxe impactos para a cobertura vacinal, afetando a saúde pública no Brasil e, principalmente, o Programa Nacional de Imunizações (PNI), que já foi referência mundial em vacinação gratuita e ampla. Desde 2015, o país não consegue manter a meta de 95% de imunização, registrando oscilações e quedas preocupantes. O movimento contra a vacinação dissemina argumentos antigos, como a desconfiança na ciência, o medo de eventos adversos e teorias conspiratórias, agora ampliados pelas redes sociais e *fake news*, que também usam a infodemia, ou circulação massiva de desinformação nas redes sociais, a qual mina a confiança nas vacinas e nas instituições de saúde, favorecendo o crescimento dos grupos antivacina e, como consequência, aumenta a vulnerabilidade da população, o risco de surtos e epidemias, e enfraquece a saúde coletiva. Além desses fatores, há também problemas de gestão do PNI, com desabastecimento de vacinas, desigualdade no acesso, influência das condições socioeconômicas e enfraquecimento financeiro do SUS (Ramos *et al.*, 2023).

Portela *et al.* (2025) analisam como as notícias falsas circularam no Facebook brasileiro entre 2020 e 2023 e qual foi seu impacto na adesão à vacinação. De 999 postagens analisadas, 74% continham desinformação e 80% expressavam hesitação vacinal, com 91,8% apresentando argumentos antivacina. Dentre estes, destacam-se o medo de efeitos adversos, a negação da eficácia, o descrédito à ciência, o discurso de ameaça à saúde e a defesa da liberdade individual.

Segundo o estudo supracitado o Facebook foi o principal palco de circulação de *fake news*, impulsionado por perfis pessoais, celebridades, políticos e páginas de entretenimento. Publicações com desinformação geraram alto nível de curtidas, comentários e compartilhamentos, principalmente quando despertavam emoções como medo, raiva ou desconfiança. As campanhas interferiram diretamente na confiança das pessoas, transformando a vacinação em pauta ideológica. Como consequência, ocorreu a queda da cobertura vacinal, o aumento da hesitação e maior dificuldade no controle da pandemia. Recomenda-se o uso de algoritmos para identificar e remover conteúdos falsos, o posicionamento ativo dos profissionais de saúde nas redes e o fortalecimento da comunicação baseada em evidências.

Santos, Lemos e Gonçalves (2023), tras estratégias de enfrentamento como: melhorar a comunicação entre profissionais de saúde e população, com informações claras e acessíveis; Educação em saúde como ferramenta central, ocupando os mesmos espaços das fake news, especialmente nas mídias digitais; Políticas públicas de incentivo e campanhas que promovam confiança nas vacinas; Treinamento de profissionais e agentes comunitários para lidar com casos de recusa vacinal. O enfrentamento deve evitar estigmatizar os indivíduos hesitantes, buscando diálogo e convencimento em vez de medidas que aumentem a polarização e a desconfiança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo ganha destaque por sua relevância ao mostrar como as mídias, em especial as redes sociais, desempenham um papel importante na formação de opiniões e atitudes sobre a vacinação, influenciando diretamente o fenômeno da hesitação vacinal no Brasil. A pesquisa revela que a grande disseminação de fake news, a polarização política e o uso de discursos com forte apelo emocional nas plataformas digitais têm diminuindo a confiança da população na ciência e nas instituições de saúde, aumentando dúvidas e medos infundados. Nesse cenário, torna-se importante compreender as estratégias que moldam essas percepções.

É necessário criar várias estratégias para alcançar melhores coberturas vacinais. Com o avanço das tecnologias midiáticas, os movimentos antivacina estão ganhando repercussão. A hesitação em vacinar a criança também se torna um grande problema, pois acarreta atraso ou recusa da vacina.

Dessa forma, conclui-se que existe a necessidade de intensificar as ações em todo o território, iniciando ações de monitoramento (busca ativa e extramuro) e campanhas, bem como ações de educação em saúde em escolas, creches e associações de bairro, de forma que conscientize a todos sobre a necessidade da realização da vacina.

REFERÊNCIAS

CAMARGO JR., Kenneth Rochel de. Here we go again: the reemergence of anti-vaccine activism on the Internet. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, n. suppl 2, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00037620>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/QLLygMBwpMFngpHvttQJdyw/?format=html&lang=en> Acesso em: 7 Ago. 2025.

CARDOSO, Lara; SANTOS, Gracielle Camargos; BORBOREMA, Iago Fane; AFONSO, Caroline Rezende Pacheco de Paula. Hesitação e recusa vacinal: revisando as causas para enfrentar seus desafios. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 7, n. 5, p. e73263–e73263, 2024. DOI: <https://doi.org/10.34119/bjhrv7n5-308>. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/73263>. Acesso em: 7 Ago. 2025.

CASTELFRANCHI, Yuri; MENDES, Ione Maria; FAGUNDES, Vanessa; MASSARANI, Luisa; MOREIRA, Ildeu de Castro; POLINO, Carmelo. As vacinas no Brasil da pandemia: um estudo de percepção pública. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 30, n. 4, p. e16802023–e16802023, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232025304.16802023>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/9sbBHWDbpsgScqTZgMBdzHq/?lang=pt>. Acesso em: 10 out. 2025.

Desvendando o mito entre o sistema imunológico e as vacinas. **Ministério da Saúde**. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-com-ciencia/noticias/2023/dezembro/desvendando-o-mito-entre-o-sistema-imunologico-e-as-vacinas>. Acesso em: 20 Abril de 2025.

GESSI, Nedisson Luis; GREGORY, Marcos ; GROSSMANN JR, Helmuth. **A INTERNET MUITO ALÉM DE UM MEIO DE COMUNICAÇÃO. [s.l.:s.n.,s.d.]**. Disponível em: https://fema.com.br/rails/active_storage/blobs/proxy/eyJfcmFpbHMiOnsibWVzc2FnZSI6IkJBaHBbbUVQIiwiaXhwljpuclWxslCjWdXliOiJibG9iX2lkIn19--3170c3ac4b8fc030c199f3537f500aa260a46b1711-A-Internet-Muito-Al%C3%A9m-de-um-Meio-de-Comunica%C3%A7%C3%A3o.pdf. Acesso em: 15 Abril de 2025.

Infodemia. **Academia Brasileira de Letras**. Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/infodemia>. Acesso em: 20 Abril de 2025.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de metodologia científica. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2010. Disponível: https://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historiai/historia-ii/china-e-in-dia. Acesso em:

DOMINGUES, Carla Magda Allan Santos; MARANHÃO, Ana Goretti K.; TEIXEIRA, Antonia Maria; FANTINATO, Francieli F. S.; DOMINGUES, Raissa A. S.. 46 anos do Programa Nacional de Imunizações: uma história repleta de conquistas e desafios a serem superados. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, n. suppl 2, 1 jan. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00222919>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/XxZCT7tKQjP3V6pCyywtXmX/?lang=pt>. Acesso em: 19 Maio de 2025.

MENDES, Maria Clara Gomes. Teoria da conspiração e saúde coletiva: desinformações checadas na pandemia de Covid-19. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação - Jornalismo) - **Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 2022. DOI: <http://hdl.handle.net/11422/17573>. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/17573>. Acesso em: 17 março de 2025.

MASSARANI, Luisa; WALTZ, Igor; LEAL, Tatiane; MODESTO, Michelle. Narrativas sobre vacinação em tempos de fake news: uma análise de conteúdo em redes sociais. **Saúde e Sociedade**, v. 30, n. 2, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902021200317>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/JwG8Jqrw8R9vWGN4MvXL7qj/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 7 ago. 2025.

NOGUEIRA, Tiago Rosa; DIAS, Tatiana Rosa Nogueira; RODRIGUES, Maria Ester Simões; PEREIRA, Éverton Luís; RAMOS, Edith Maria Barbosa; DELDUQUE, Maria Célia. Vozes do desconhecimento: uma Análise de Discurso Crítica dos movimentos antivacinas brasileiros no Facebook. **Saúde em Debate**, v. 49, n. 145, 2025. DOI: <https://doi.org/10.1590/2358-289820251459849P>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/MHsyvZZNblNL7LZSq3F4SVf/?lang=pt>. Acesso em: 2 out. 2025.

OLIVEIRA, Iago Marafina de; PINHEIRO, Roseni; ORTEGA, Francisco; SANTANA, Emiliane Silva. Elementos de desinformação na percepção pública sobre a vacina contra a dengue no Brasil: uma análise de comentários em mídias sociais. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 41, n. 3, p. e00097124–e00097124, 2025. DOI : <https://doi.org/10.1590/0102-311XPT097124>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/XQxvCxhgpKpBT6kcbLtLHjz/?lang=pt>. Acesso em: 10 ago. 2025.

PORTELA, Bianca Helena Araujo; COSTA, Victoria Valentina Ferreira; GARRIDO, George Augusto Estrela; OLIVEIRA, Francisco Braz Milanez. Infodemia e desinformação na Pandemia: O papel das fake news na campanha de vacinação contra a COVID-19. **Revista Interdisciplinar.**, v. 1, n. 18, p. 28–39, 2025. DOI: <https://doi.org/10.29327/2393773.1.18-4>. Disponível em: <https://uninovafapi.emnuvens.com.br/revinter/article/view/2099>. Acesso em: 8 ago. 2025.

RAMOS, Ana Carolina Lima da Conceição; PACHECO, Beatriz de Almeida Barreto; SOUZA, Jennifer Emily Anunciação; COSTA, Jessica Dias Petrilli; Gustavo Nunes de Oliveira. Cobertura Vacinal e o Movimento Antivacina: O Impacto na Saúde Pública no Brasil. **Revista Baiana de Saúde Publica**, 2023. DOI: <https://doi.org/10.22278/2318-2660>. Disponível em: <https://rbsp.sesab.ba.gov.br/index.php/rbsp/article/view/3831>. 2023.v47.n1.a3831. Acesso em: 12 ago. 2025.

REZENDE, Alessandro Teixeira; SILVA, Flávia Marcelly de Sousa Mendes da; RIBEIRO, Maria Gabriela Costa; LOURETO, Gleidson Diego Lopes; SILVA NETA, Olindina Fernandes da; GOUVEIA, Valdiney Veloso. Teorias da conspiração: significados em contexto brasileiro. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 36, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-0275201936e180010>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/WMCCrMfL9RH6DMky8tH7fSM/?lang=pt>. Acesso em: 8 ago. 2025.

SANTOS, Jéssica Alves dos Santos; LEMOS, Patrícia de Lima; GONÇALVES, Lorena Araújo Ribeiro. Fatores que contribuem para a hesitação e recusa vacinal no Brasil. **Multitemas**, p. 259–275, 2023. DOI: <https://doi.org/10.20435/multi.v28i69.4009>. Disponível em: <https://multitemasucdb.emnuvens.com.br/multitemas/article/view/4009>. Acesso em: 10 ago. 2025.

SOBREIRA, André Luis Rodrigues; BESSA, Giordana Taiany Barbosa; VIEIRA, Carlos Vitor Miranda; JACOMEL, Bruna Grazielle Carvalho; MONTEIRO, José Rogério Souza; AARÃO, Tinara Leila de Souza; FARIAS, Ilka Lorena de Oliveira; SILVA, Leonardo de Oliveira Rodrigues da; GRANATO, Renan Rocha; SOUZA, Aline Andrade de. Influência dos movimentos antivacina e da hesitação vacinal no Brasil. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 24, n. 10, p. e17376–e17376, 2024. DOI: <https://doi.org/10.25248/reas.e17376.2024>. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/17376>. Acesso em: 7 ago. 2025.

Taxa de vacinação infantil cai e Brasil volta a patamar de 1987 - **Cofen**. Disponível em: <https://www.cofen.gov.br/taxa-de-vacinacao-infantil-cai-e-brasil-volta-a-patamar-de-1987/> . Acesso em: 15 maio. 2025.

UNICEF. **Vaccine misinformation management field guide**. 2020. Disponível em: <https://www.unicef.org/mena/reports/vaccine-misinformation-management-field-guide> . Acesso em: 17 Mar. 2025.